

A SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE: REFLEXÕES A RESPEITO DA DUALIDADE, DO GÊNERO E DA HOMOFOBIA

Edilene de Lima
Psicóloga clínica,
aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo discutir elementos que compõem os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, privilegiando a teoria e o método da psicanálise. A sexualidade para a psicanálise não equivale ao sexo, mas trata-se de um complexo, abrangente de toda a vida psíquica, em constante movimento no indivíduo e na cultura. No entanto a fluidez da sexualidade provoca desarranjos nas ilusões de continuidade e estabilidade da identidade e da vida afetiva. Toda forma de sexualidade inclui renúncias e frustrações à vida psíquica. Levanto a hipótese de que a homofobia pode ser entendida como defesa frente à fluidez da sexualidade, despertando partes perversas que julgam e condenam desconsiderando o outro.

Palavras chaves: psicanálise; sexualidade; homofobia

A psicanálise toma como premissa a dualidade, termo usado para descrever a concepção explicativa baseada na presença de dois princípios opostos, inconciliáveis entre si e incapazes de uma síntese final. Freud viveu e produziu dentro do paradigma da ciência moderna, hegemônico até hoje, que raciocina por dicotomias, opondo por exemplo: natureza x cultura; sentimento x razão; corpo x mente.

Como a psicanálise articula a polarização na descrição de conceitos e funcionamento psíquico? Que recursos e limitações podem advir dessa premissa? Proponho apresentar reflexões sobre essa questão especificamente sobre o tema da sexualidade. Ainda, explicitar relações com as questões de gênero e compreensões sobre o fenômeno da homofobia¹.

¹ Homofobia: é um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, que pode incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação.

O caminho que proponho se inicia por procurar os elementos que compõem os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, assim como as implicações e repercussões para pensar os desvios. A seguir, a sexualidade para a psicanálise, que não equivale ao sexo, ao contrário trata-se de um complexo, abrangente de toda a vida psíquica, em constante movimento no indivíduo e na cultura. Ao final, levanto a hipótese que a homofobia pode ser entendida como defesa frente à fluidez da sexualidade.

Sexo, Gênero e Sexualidade

O sexo é definido pelo vértice biológico, anatômico. É possível que a dualidade seja suficiente nessa definição, presença/ausência de pênis ou presença/ausência de vagina, ao menos, na grande maioria dos casos. No entanto, fica excluído dessa estereotípia o intersexo. A pesquisadora americana Anne Fausto-Sterling (SANCHEZ, 2003), estima que um a cada 1,5 mil bebês nasce com alguma variação no desenvolvimento genital. É um número bastante superior, por exemplo, ao de nascimento de albinos, estimado em um a cada 17 mil. Essas variações podem ocorrer nos órgãos genitais externos ou nas gônadas, e escapam à possibilidade de definir se o bebê é menino ou menina. É preciso considerar ao menos mais um sexo, um terceiro sexo. No entanto, os especialistas preferem considerar de 5 a 9 sexos possíveis, dentro das combinações dos caracteres genitais. Se considerarmos uma linha em que, do ponto de vista anatômico, nos dois extremos estão “masculino” e “feminino”, há uma margem significativa de variação.

Associações de familiares e profissionais orientam cautela à orientação corrente de cirurgia para extirpar parte dos órgãos genitais e procurando uma definição de sexo.

No caso do intersexo uma das conseqüências das variações anatômicas é que o sexo pode ser definido posteriormente, guiado pelo gênero. O gênero relaciona-se à identidade, a como a pessoa se sente ou se percebe. A constituição da identidade, definida como a sensação de um eu relativamente unificado, separado e diferente do outro, passa pela definição sexual.

Laplanche em seu trabalho *El género, el sexo, lo sexual*² questiona se incluir o termo gênero na psicanálise não seria uma espécie de recalque do sexual-pulsional, a descoberta vital da psicanálise. Diz que a idéia já estaria presente em Freud, no entanto, ele não usa a palavra, pois não há termo equivalente na língua alemã. Sobre Freud diz:

² Trabalho publicado em Paris em 2003. Disponível em espanhol no site www.revistaalter.com.

“Encontramos el enigma de la masculinidad-feminilidad en los dos extremos de la evolución que lleva al estado adulto. En el adulto se trata del enigma de algo que no es puramente biológico, ni puramente psicológico, ni puramente sociológico, sino una curiosa mezcla de los tres.” (p.5)

Laplanche trata o gênero como a convicção do indivíduo de pertencer a um dos dois grupos sociais, definidos como masculino ou feminino. Apesar de subjetivo, o gênero é construído cultural e socialmente, como uma prescrição contínua dos adultos importantes na vida da criança. Um processo que se estabelece até os dois anos de idade, anterior à percepção das diferenças sexuais anatômicas, onde a criança se vê incluída num determinado grupo, sente-se homem ou mulher. Não é “natural” ou determinado pelo biológico, e sim na relação com os pais. Estes comunicam consciente e inconscientemente suas expectativas e concepções acerca do gênero da criança.

Ramos (2008) em seu livro *Histeria e psicanálise depois de Freud*, aponta autores, especialmente Nitza Yarom que validam a idéia de gênero no estudo da histeria e da sexualidade. Ao propor uma síntese, Yarom se depara com uma polarização de teorias, e acaba por dar um tratamento de composição, de complementariedade às idéias. Propõe uma espécie de integração da importância de aspectos pré-edipianos (representados pelas teorias que priorizam a relação mãe-bebê, na constituição do psiquismo) e os aspectos edipianos (representados pelas teorias que enfatizam os elementos do complexo de Édipo, como matriz dos significados do sujeito), na questão da sexualidade. A sexualidade continua sendo primária, com manifestações primitivas, “mas também pode ser vista como defesa ou, ainda, como integração do edipiano com o pré-edipiano”. (p.216) Masculino e feminino como forças libidinais que podem ser observadas nas relações.

Mas o masculino e feminino não são categorias ou definições estanques. Como forças, também se combinam e produzem arranjos variados. Se levarmos em consideração a possibilidade de definição da sexualidade por pólos, consideramos que entre eles há uma gama de possibilidades e mesclas, que pode inclusive nublar os contornos das próprias definições. A dualidade nos serviria como um orientador e, se interpretada, como extremos que criam um campo intermediário, pode ampliar a margem pesquisa e de observação. No entanto, tal campo intermediário parece exigir do observador certa abstenção (ou um tipo de suspensão fenomenológica) quanto aos padrões pré-estabelecidos.

Em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud coloca a sexualidade com seu início na infância e define o desenvolvimento humano como psicosssexual. Desde aqui fica evidente que para a psicanálise a sexualidade constitui um complexo, de contorno pouco claro, que pode incluir o sexo e a atividade sexual ou sensual. Desde o nascimento a criança percebe como gratificante, prazeroso receber atenção às suas necessidades básicas. As diferentes zonas do corpo vão sendo investidas de energia e excitação, proporcionando o desenvolvimento da sexualidade infantil, cuja base inicial é essa atenção. No entanto, esse prazer não fica restrito à saciedade física, as zonas corporais se tornam fonte e alvo de fantasias e de manifestação de desejo.

Freud procura definir os desvios ou aberrações sexuais, separando primeiramente dois aspectos. Primeiro, considera os desvios em relação ao *objeto sexual*, entendendo objeto como a pessoa a quem o desejo é dirigido, e adota como normal a escolha pelo sexo oposto ao do indivíduo. Adota também o termo inversão para a escolha do mesmo sexo. Descarta as teorias de degenerescência e o caráter congênito para explicar a natureza da “sexualidade invertida”. Considera que a sexualidade é determinada por múltiplos fatores e que isso se reflete na variedade das atitudes sexuais com que os seres humanos podem se manifestar e se expressar. Numa das notas acrescentadas em 1915, procura dissociar a homossexualidade como característica patológica, dizendo que

(...) as ligações libidinosas com pessoas do mesmo sexo desempenham um papel tão importante como fatores na vida psíquica normal, e mais importante como causa da doença, quanto ligações idênticas com o sexo oposto. (1969, p. 36)

A sexualidade teria então que ser pensada na sua pluralidade, multifacetada, e a escolha de objeto não poderia ser tomado como patológico a priori. Essa ponderação é descrita por McDougall (1997) propondo o termo *soluções neo-sexuais*, para o que é considerado desviante ou sintomático nas sexualidades. Reforça essa idéia de que trata-se de homossexualidades, heterossexualidades e sexualidades auto-eróticas, cujas manifestações e dinâmicas variam tanto que devem ser pensadas no plural, e que não devem ser tomadas sintomáticas ou assintomáticas aprioristicamente.

Na tentativa de rever termos carregados de moral, Jurandir Freire Costa propõe o termo homoerotismo para designar as pessoas que têm como objeto de desejo pessoas do mesmo sexo. Os motivos estão expostos em seu livro *A inocência e o vício*. Faz um resgate histórico e contextualiza o uso do termo homossexual ao século XIX e à

qualificação desses sujeitos como moralmente inferiores. Prefere a noção de homoerotismo a homossexualidade ou homossexualismo. “Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas e desejos dos homens *same-sex oriented*.” (p. 21) Uma outra palavra tem a vantagem de marcar o afastamento da idéia de essência ou estrutura, de traços comuns ou uniformes em todos os homossexuais. Além disso, afasta-se da noção de desvio, doença, anormalidade ou perversão.

O segundo aspecto considerado por Freud para descrever os desvios sexuais é relacionado ao *objetivo sexual*. O objetivo final seria a cópula, união dos genitais a fim de descarga de excitação sexual. O caminho do desenvolvimento psicosexual é marcado por fases que se iniciam na oralidade, passam pela analidade e se encaminham à resolução na fase genital. No entanto, o uso de outras zonas do corpo, como tocar, olhar ou beijar, atividades que poderiam ser consideradas desviantes ou perversões, constituem formas de prazer em si mesmas e ao mesmo tempo integram o conjunto de excitações sexuais. O que seria então nesse caso o desvio? O objetivo de descarregar a excitação sexual com a atividade de união dos genitais fica pervertido. Freud vai considerar perversões as atividades que se distanciam do objetivo sexual ou que substituem o objeto sexual por partes do corpo ou mesmo por objetos inanimados, como no caso do fetiche. Assim, essas atividades que podem compor a vida sexual normal, quando tomadas como exclusivas e o objetivo sexual inteiramente abandonado, indicam sintomas.

A psicanálise funda seus conceitos na “descoberta” da sexualidade infantil, das zonas erógenas, da sexualidade perverso-polimorfa como manifestação humana e na bissexualidade psíquica.

Castro (2000) reforça a idéia que a sexualidade é composta de pulsão de vida e de morte. O conflito do homem com sua sexualidade é o conflito consigo mesmo, e dura toda a sua existência. O que Laplanche define como o *sexual*, relaciona-se a essa forma de compreender a sexualidade, complexa e ambígua. “Lo sexual es múltiple, polimorfo. Descubrimiento fundamental de Freud, encuentra su fundamento en la represión, el inconciente, el fantasma. Es el objeto del psicoanálisis.”

O complexo sexual

Até aqui o dualismo nos seguiu lembrando as polaridades, os opostos, mas apontando a necessidade de caminhar por todo o trajeto de possibilidades que se

vislumbra entre os pólos. Ou ainda, como Yarom, podemos pensar em compor, ao invés de opor.

O complexo de Édipo como um organizador das etapas de desenvolvimento anteriores congrega fantasias e desemboca na dupla identificação masculina e feminina. As diferenças entre o menino e a menina em relação ao objeto caracterizam a dinâmica do processo de desenvolvimento psicosexual. Ambos se apegam inicialmente ao objeto materno feminino, embora o menino tenha que encontrar um objeto do mesmo sexo que o objeto primordial e a menina terá o complicador de deslocar o objeto de desejo inicial, ou seja, da mãe ao pai, e depois substituí-lo por outro objeto do mesmo sexo.

Sabemos que a percepção da diferença sexual é considerada na psicanálise como fundamental para a constituição do psiquismo. Desde Freud nos convencemos de que o psiquismo é baseado no jogo ausência e presença do pênis. Hanna Segal (1992) explica que Melanie Klein identificou o complexo de Édipo em fases primitivas, antes da fase genital, mas com fantasias e medos, que diziam respeito à castração. Descreveu o complexo de Édipo no primeiro ano de vida, relacionado à diminuição do sadismo. Dar-se conta da relação entre os pais, e da relação com cada um dos pais que o bebê estabelece também compõe ganhos da posição depressiva, postulada por Klein. Esse processo provoca defesas, tais como a regressão, e ansiedades paranóides decorrentes da culpa pelos ataques na fantasia. Ainda, o temor à castração é fundamental, independente do sexo da criança. (Levanta a hipótese de que a bebê-menina já intui a vagina, e a possibilidade de receber, ser preenchida.) Apesar das diferenças, especialmente as relacionadas à anatomia, o que parece mais rico são as posições infantis homossexual e heterossexual como constituintes e dinâmicas, e que os desejos feminino e masculino estão sempre presentes. O seio e o pênis (e o que representam de criatividade, fertilidade, conteúdo de objetos bons a serem internalizados) compõem a vida mental de todos os sujeitos.

Green (1988) discute a bissexualidade que permanece além das fases iniciais do desenvolvimento da criança, como fonte de uma espécie de negação da sexualidade, nos fala em um gênero neutro, que não podendo ser completo, também não renuncia a nenhum gênero e essa negação interfere no exercício e na vivência da sexualidade. Relata o caso de uma paciente intersexo que não aceita nenhum tratamento que pudesse encaminhar a definição de sou homem ou sou mulher. Ela não consegue se imaginar vivendo como homem ou mulher. Optar dentro da dualidade não daria conta para a paciente. Sexo e sexualidade não são equivalentes.

A inadequação em psicanálise de qualquer equivalência entre sexo e sexualidade, bem como as tipificações, especialmente em relação aos analistas homens e mulheres é apontada por Sandler (1999). O autor desenvolve as implicações de se exercitar ou desenvolver a capacidade da “tolerância aos paradoxos” e a apreciação sem julgamentos.

Há um fato óbvio em análise: *duas pessoas ficam fechadas em uma sala*. Psiquicamente, penso que podemos observar que elas podem exercer feminilidade/masculinidade; individualmente (intrapsoicamente) e no relacionamento com outra pessoa. (...) Estou considerando um paradoxo que não é para ser resolvido e sim ser tolerado (...) feminilidade/masculinidade como funções mentais *indissolúveis, porém inconfundíveis* com sexo sensual e/ou biologicamente considerado. (1999, p.462)

Sandler (1999) adota a idéia de feminilidade como o que é receptivo, que permite penetração fertilizante, diferente de passividade. Relaciona o caráter de passivo ou ativo não ao sexo, mas a “graus de subserviência do desejo”. (p. 465) Propõe pensar a passividade como a subserviência ao princípio do prazer/desprazer, sob o domínio da pulsão de morte e de retorno ao inanimado. A potência ativa estaria sob a égide do princípio da realidade, vontade, força direcionada a modificar a realidade material ou psíquica.

Todo esse complexo dá ao humano a riqueza da sexualidade vivenciada de forma única, singular. De contornos pouco precisos, com ambigüidades, ao mesmo tempo resultante do caldo de processos maturativos, afetivos, experiências, ainda vivos e inconclusos. Como conviver com tanta fluidez?

É uma fluidez desconcertante. Ficamos com o incômodo do caráter inventado, cultural, incompleto e instável da identidade de todos os sujeitos. Para o indivíduo o processo tem início nos exames pré-natais, a curiosidade “é menino ou menina?” A partir daí a construção de um corpo masculino ou feminino, dos hábitos e, em alguma medida, construção do próprio desejo.

Se usarmos a forma do paradoxo, podemos aceitar que a questão da identidade estável é uma espécie de ilusão necessária, é o que permite ou possibilita a constituição do ser, no entanto a mesma instabilidade ou fluidez é o que permite a criatividade, no sentido transgressor inclusive, onde o rompimento ou não subserviência a normas e padrões permitem o fluxo do desejo, não a liberação total do desejo, que poderia equivaler a “morte” do próprio sujeito, mas a liberdade para experimentar e aprender sobre si. Voltaremos à relação sobre o aprender sobre si e a sexualidade mais adiante.

Outro ponto a se declarar sobre a fluidez é a questão do recalçamento, da renúncia tão fundamental para organizar o psiquismo e o exercício do “complexo sexualidade”.

A defesa homofóbica

Podemos pensar que a renúncia é inerente à sexualidade. Como nos mostrou Green a bissexualidade no gênero pode implicar a renúncia à própria sexualidade. A experiência heterossexual, homossexual, travesti, transgênero ou transexual e as formas outras que a criatividade humana é capaz de inventar, todas implicam renúncia.

A renúncia implica em recalçamento, aqui usado no sentido fundante do psiquismo, em que é possível separar, tornar inconsciente, livrar a mente do excesso, daquilo que não é possível ser traduzido. Essa face do recalçamento e a sexualidade estão ligados e podem se manifestar de forma mais ou menos agregadora e construtiva, ou ainda desagregadora e destrutiva.

Sendo assim, se todos renunciam, no processo de construção da identidade, como poderíamos entender a intolerância e a violência aos que vivem o desejo homossexual ou manifestam alguma sexualidade fora dos padrões socialmente estabelecidos? No Brasil estão documentados índices alarmantes de assassinato de homossexuais. Um grupo do Rio de Janeiro estima que uma pessoa é morta a cada dois dias por crimes de homofobia.

Estaríamos diante de uma sensação de afronta à própria renúncia? Seria possível que o diferente nos faça provocar o retorno de emoções ligadas ao estado de bissexualidade originária e nos lembrar o trabalho de recalque e de renúncia construído?

O estabelecimento das renúncias concretas e simbólicas descritas no complexo de Édipo, assim como o caldo bio-psico-social que compõem a identidade sexual, bem como seu caráter inacabado e dinâmico, nos indica o quanto de trabalho psíquico é despendido para lidar com a sexualidade.

Em *Elementos da Psicanálise*, através dos mitos do Jardim do Éden e da Torre de Babel, Bion aborda a questão da dialética envolvida na busca pelo conhecimento. O sexo e a sexualidade estão representados no desejo de deidade e nas punições impingidas por Deus. É um Deus antropomórfico, portanto representando partes do humano. Há um impulso para conhecer (impulso epistemofílico, já descrito por Freud). No entanto, inerente à ação de buscar o conhecimento, existe a experiência de sentir-se desacomodado, expulso, fora de certa zona de conforto e de constância.

No mito do Jardim do Éden, a história da criação, a sede de conhecimento se liga à vontade de desafiar Deus. Adão e Eva não poderiam se alimentar da fonte do conhecimento e discernir entre bem e mal. O conhecimento está condicionado ao comer, oralidade ou sexualidade oral, e ao mesmo tempo, condicionado à constituição da moral. (Aquele mesma que Freud descreveu como uma contenção para os impulsos assassinos.) O exílio e o abandono são as punições para a ação de buscar o conhecimento.

Quando se vêem nus, Adão e Eva descobrem as diferenças sexuais e o próprio sexo, é como se a vontade de Deus representasse a força contrária à separação e individuação. A psicanálise propõe a existência e a constituição do inconsciente a partir da instauração de um corte, de uma separação, do recalçamento. O Éden como representação da vida psíquica primitiva e os elementos do mito como forças psíquicas em constante movimento. Forças que impulsionam o conhecimento e outras que desencorajam e ameaçam com punições, por exemplo: abandono e exílio.

Já no mito de Babel a questão é ocupar o céu, chegar a Deus, com uma torre construída coletivamente, tão alta que possa alcançar o céu. Mas Deus procura garantir seu direito de ocupar o céu sem ser incomodado e destrói a comunicação, a confusão fica instalada e uma espécie de exílio, isolamento e esterilidade. A linguagem e a comunicação estão em destaque, assim como sua função de servir à cooperação e construção.

Para Bion os aspectos da sexualidade oral (por exemplo, o comer e a linguagem) e genital (por exemplo, torre e cidade), do superego repressivo, ligação e vínculo através da linguagem, possibilitam o conhecimento de si e o aprendizado.

Os arranjos diversos que podem tomar os elementos é o que interessa a Bion no curso de uma análise. Espera-se como efeito das interpretações a reintegração renovada dos elementos. Interessa identificar como os elementos da sexualidade, representados nos mitos, estão presentes na experiência da dupla analista-paciente. São aspectos da dupla, mas são próprios do ser humano. Referindo-se aos mitos citados e ao próprio Édipo, Bion afirma: “Em todos, destaca-se a penetração em um lugar ou estado de bem-aventurança, a ingestão ou a expulsão deste estado. Conhecimento sexual e prazer são características proeminentes do conhecimento procurado e proibido.” (2004, p.78) | O conhecimento e a comunicação cooperativa e fértil estão em negociação com os estados humanos de confusão e dispersão.

No conto *Homem de Areia* de Hoffman que Freud analisa em seu escrito *O Estranho* um dos pontos destacados é o ataque à capacidade de ver, aos olhos, assim como em Édipo o castigo pela curiosidade e pelo conhecimento é a cegueira. O Homem de areia joga areia nos olhos de crianças que dão vazão ao impulso epistemofílico.

Essa leitura de *O Estranho* também nos leva à questão da resistência emocional que pode se levantar ao nos depararmos com algo diferente, mas que é ao mesmo tempo familiar. É como um estranho conhecido, um antigo conhecido que foi esquecido. Ao mesmo tempo que desperta uma espécie de afastamento, gera atração, curiosidade.

Bleger (1988) analisando o escrito de Freud acentua a idéia que o estranho é produzido ao tocar em partes clivadas do ego, que remete a mecanismos primitivos, ou estágios primitivos de desenvolvimento como os relacionados à posição gliscro-cárica, regida pela descarga motora e princípio do prazer. Não se trata de retorno do reprimido, mas retorno aos estados primitivos do ego, que já haviam sido superados, ou que estavam clivados. O efeito do “estranho”, especialmente, em egos menos maduros e menos integrados é a atuação, dando vazão a impulsos ou desejos que não sofreram a ação de mecanismos repressivos, tais como a violência. Vale lembrar que o conto finaliza com uma tentativa de homicídio e em seguida, o suicídio do protagonista.

Poderíamos relacionar essa descrição do estranho com a homofobia? A manifestação de repulsa e agressão física exibida no filme *Meninos não choram* representa essa situação. Uma garota, início da adolescência, que se veste e age como menino, ao ser descoberta pelo grupo de meninos é violentada e espancada. Como no “estranho” o de fora, o externo ao ego, provoca partes clivadas, estranhamente familiares, e disparam uma fúria assassina, como necessidade de extirpar a experiência, de livrar-se do incômodo, pela impossibilidade de re-conhecer, no caso do filme, a bissexualidade ou uma maneira diferente de ser menino/a. Outra possibilidade seria compreender como uma manifestação dos elementos dos mitos. Uma espécie de recusa de conhecer algo estranho, “uma menina que é menino”. Recusa de conhecer que dispara a fúria de um Deus que não quer ser incomodado no seu céu, e que na sua vingança, condena ao sofrimento, ao isolamento.

Freud em seu escrito *A negativa* pensa a função do julgamento. Julgamento implica saber se possui ou não algo, e se esse algo existe ou não na realidade. Implica então considerar a realidade, com um teste de realidade. É o jogo do interno/externo. Para o ego-prazer o desejo é introjetar o bom e descartar o mau, e vale destacar que para o ego-prazer o mau, estranho ou externo são idênticos. É como se procurasse na

realidade, algo que está no ego como representação para ser redescoberto pela percepção, pelo sensorial. Encontrar ou reencontrar aquele objeto para poder se apossar dele quando precisar. E o que acontece se o sujeito se depara com algo que ele vive com estranhamento? Um efeito é identificá-lo como mau, e conseqüentemente como exterior a si, “se é estranho não sou eu, isso não tem nada a ver comigo, esse tipo de gente é assim”.

É possível, e certamente necessário, expandir a reflexão para os profissionais da psicanálise que, por exemplo, se negam a atender pacientes homossexuais. Há analistas que os consideram pessoas não analisáveis. McDougall (1997), para discutir situações clínicas e procedimentos específicos, separa as sexualidades (homossexualidades, heterossexualidades e sexualidades auto-eróticas) e as soluções neo-sexuais, das questões de comportamento sexual ilegal, tais como: estupro, pedofilia. Elabora um provocante capítulo ao final do livro, com o título *Psicanálise no divã*. Aborda a questão da idealização da heterossexualidade e de preconceitos por parte dos psicanalistas, apontando o aspecto perverso presente na contratransferência, por exemplo, quando são dominados pelas expectativas sobre o comportamento sexual do analisando.

Considerações Finais

O tema é rico, instigante para abrir vários outros caminhos de pensamento que não puderam ser abordados aqui. Um deles é a teoria queer citada por Dejours (2005), que segundo ele, subverte a diferença de gêneros e a diferença sexual e se apóia em Foucault.

Neste trabalho procuramos expor uma face da dualidade que cria polarizações, e que entre os pólos podem ser desenhados variados formatos que possuem características de ambos e não podem ser reduzidos a definições pré-estabelecidas. No entanto, essa fluidez nos provoca desarranjos nas ilusões de continuidade e estabilidade. Estamos imbricados na dialética do conhecer: a satisfação do impulso, expansão do contato consigo e com o mundo, conflitando com a sensação de ser expulso do paraíso. As vivências, as fantasias e os encontros humanos nos confrontam com o estranho, com o externo, que ao mesmo tempo nos é familiar, trabalhosamente escondido ou distanciado. A angústia de reencontrar esse estranho pode despertar a parte perversa, que julga e condena, que trata a parte pelo todo, que não considera o desejo ou necessidade do outro. Não há tempo para o teste de realidade, não suporta o paradoxo,

substitui a busca da verdade pela moral.

Referências

BION, W. R. Elementos de psicanálise; tradução original de Jayme Salomão; revista por Ester Hadassa Sandler e Paulo César Sandler. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

BLEGER, J. Simbiose e ambigüidade; tradução de Maria Luiza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CASTRO, M.L.S. de. *A complexidade e as ambigüidades do termo sexualidade*. Trabalho apresentado no Grand Hotel Rayon em 27 de maio de 2000, durante o 4º Encontro de Psicanálise de Curitiba.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DEJOURS, C. *La indiferencia de sexos: ficción o desafio?* Disponível em www.revistaalter.com. Acesso em 20 dez. 2010.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. A negativa. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. O estranho. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GREEN, A. Narcisismo de vida, narcisismo de morte; tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

LAPLANCHE, J. *El género, el sexo, lo sexual*. Disponível em www.revistaalter.com. Acesso em 20 dez. 2010.

LIMA, Bartira. Militantes lutam pelos direitos dos homossexuais. *O Estado RJ online*, 22 nov. 2010. Disponível em <http://www.oestadordj.com.br/?pg=noticia&id=6159&editoria=Comportamento>. Acesso em 08 jan. 2011.

MCDOUGALL, J. *As múltiplas faces de eros: um exploração psicoanalítica da sexualidade humana*. Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RAMOS, G. A. *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

SANDLER, P. C. *Uma teoria sobre o exercício de feminilidade<=>masculinidade*. Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 33 (3): 459-484, 1999.

SANCHEZ, F. *O terceiro sexo*. Revista Superinteressante, fev. 2003.

SEGAL. H. *Introdução em O complexo de Édipo hoje: implicações clínicas*. Editado por John Steiner. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.